



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

O descompasso entre organizações políticas e sociedade civil

Breno Serodio de Castro Rossi^I

Rodrigo Nunes, Doutor em Filosofia pelo *Goldsmiths College* e Professor de Filosofia da PUC-Rio, é autor do livro *Do transe à vertigem – Ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*, publicado no Brasil em junho de 2022 pela Ubu Editora. O livro reúne textos reeditados que se dividem em sete ensaios/capítulos elaborados entre setembro de 2019 e fevereiro de 2022, período coincidente ao mandato presidencial de Jair Bolsonaro como também ao auge da crise sanitária decorrente da pandemia de covid-19.

Os esforços do autor se concentram no movimento analítico da atual conjuntura política do Brasil e do mundo, com objetivo de construir um ferramental crítico acerca da compreensão do fenômeno do bolsonarismo. A pertinência da pesquisa reside em uma das reflexões apresentadas pelo autor: um hipotético fracasso eleitoral de Bolsonaro em 2022 não fará o bolsonarismo desaparecer. Em outras palavras, o bolsonarismo é maior que a própria figura de Jair Bolsonaro, tendo em vista seu enraizamento no metabolismo social brasileiro. Assim, uma investigação que visa estabelecer diferentes níveis e escalas analíticas acerca desse objeto revela-se como guia útil para o tortuoso tempo presente.

No primeiro capítulo, Nunes salienta que nem todo eleitor de Bolsonaro é de fato um bolsonarista, ademais, denota que a coalizão responsável pelo seu sucesso nas urnas é composta por elementos mais amplos que o termo aparenta sublinhar. Deste modo, esse fenômeno não foi criado pelo seu líder simbólico e não é dependente dele. Em síntese, a tese defendida consiste no entendimento do bolsonarismo como uma convergência de variados fatores. Como aponta Isabela Kalil^{II}, os componentes do bolsonarismo se fundamentam na reunião de elementos como militarismo, anti-intelectualismo, empreendedorismo, anticomunismo e outros.

Além do mais, o pesquisador defende que a maioria das explicações que se propõem a dar conta da ascensão de Bolsonaro tendem a se comprimir em acontecimentos cronológicos até a eleição de 2018, como se fosse uma sucessão de eventos lineares. Ao identificar essa lacuna acerca do objeto, o autor se distancia do movimento engessado e para tanto, estabelece uma visão mais abrangente que opere em mais de uma escala temporal e seja capaz de considerar quatro níveis de análises: as diferentes matrizes discursivas que convergiram na formação do bolsonarismo; as gramáticas comuns que garantiram a comunicação e compatibilidade mútua dessas matrizes; as condições afetivas que davam a essas matrizes um elemento conectivo e a infraestrutura organizacional da rede bolsonarista^{III}.

Em linhas gerais, o capítulo de abertura reconhece o bolsonarismo como um fenômeno apto a assumir diferentes significados, conforme a posição que alguém ocupa em seu interior. Para além disso, são destacados os elementos generalizáveis nessa inquirição, na medida que a ascensão da extrema-direita (concebida pelo encontro entre conservadorismo social e neoliberalismo) não é uma exclusividade da política brasileira. Nesse sentido, o autor chama atenção para uma tática que pode ser extrapolada para outros países que assistem a ascensão de ideais conservadores: a promoção da confusão entre ansiedade resultante da perda de direitos e medo de perder privilégios.

No segundo capítulo, o termo negacionismo é analisado não somente como referência às mentiras propagadas de forma consciente. No livro, esse termo engloba o público consumidor dessas farsas, pois o autor defende que o estado de negação se trata de uma busca

inconsciente de proteção de experiências traumáticas por meio da recusa da realidade, gerando uma demanda por mercadorias negacionistas.

De modo geral, nesse capítulo é detalhado como as narrativas irracionais e teorias conspiratórias não deixam de reconhecer o preocupante estado das coisas. Porém, atestam que “tem algo de errado com o mundo” através da oferta de confortos fantasiosos e soluções simplificadas. Por isso, o estado de negação é capaz de canalizar pensamentos antissistêmicos difusos. Nesse contexto, se as estruturas responsáveis pela intensificação das desigualdades não podem ser derrubadas – é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo^{IV} –, resta para “os de baixo” lutar pelas migalhas.

No capítulo 3 intitulado “Os *trolls* no poder”, Nunes defende que uma das chaves para entender o bolsonarismo reside na estratégia *alt-right*. Existe um senso comum que adjetiva o governo de Bolsonaro como polêmico, mas esse ato omite seu modelo inspirador decorrente dos Estados Unidos. Essa estratégia mistura supremacia branca, misoginia e pitadas de nazismo. A diferença essencial da *alt-right* para o conservadorismo tradicional é o domínio comunicativo das redes sociais – pautadas em *clickbait*s e na economia da atenção. A *alt-right* entendeu assertivamente o comportamento dos algoritmos digitais e por isso assumiu o papel de uma das figuras centrais da cultura contemporânea: o *troll*.

Essa figura busca incitar reações intensas através da capacidade de provocar conflitos. Além disso, quanto mais longe um *troll* consegue levar sua “brincadeira”, gerando confusão e descontentamento, mais ele será levado a sério pelos seus semelhantes. Nesta circunstância, o *troll* estabelece uma base comunicacional capaz de introduzir ideias extremistas de forma irônica e o mecanismo do agitador de extrema direita, nesse caso, é testar o limite do “público externo”. No capítulo há uma seção a respeito do caso do ex-secretário da Cultura Rodrigo Alvim e sua trollagem nazista.

No quarto capítulo, é evidenciada a necessidade de compreender o bolsonarismo não apenas como um movimento puramente favorável ao empreendedor, mas como um fenômeno empreendedorístico em si mesmo. Para que o bolsonarismo consolidasse sua composição interclasses foi preciso que alguns símbolos produzissem identificação entre setores divergentes. Tal qual “mamata” e “cidadão de bem”, “empreendedor” foi um desses símbolos. Por tratar-se de um termo acolhedor de realidades diversas e representativo de um objeto de aspiração, a essência empreendedora se ajustou perfeitamente ao desvairamento bolsonarista e engendrou uma espécie de empreendedorismo político.

Na esteira do exposto, o quinto capítulo busca tratar da “polarização”, que se tornou explicação abrangente no atual debate político. É defendido que o termo não necessariamente reporte à mesma polarização ou polos; por exemplo, a polarização nos Estados Unidos tem especificidades distintas do caso brasileiro. Isto é, o termo pode propagar falsas simetrias. Nessa tomada, o autor busca problematizar algumas confusões que permeiam a entrada da polarização na cena política – importada da ciência política estadunidense. “E se essa confusão fosse ela mesma vantajosa para alguns dos responsáveis pelo cenário polarizado?”^V. Com a intenção de responder essa interpelação é recuperado o contexto da chegada desse debate no Brasil, esmiuçando como essa diagnose se desdobra em nosso terreno político. Ademais, é sugerido um horizonte de ações diante do quadro polarizado.

O sexto capítulo “Do transe à vertigem: Imagens da derrota no cinema brasileiro” faz referência ao filme “Terra em Transe” (1967) de Glauber Rocha bem como ao documentário “Democracia em Vertigem” (2019) de Petra Costa, representação da derrota da esquerda no golpe de 1964 e no impeachment de Dilma Rousseff em 2016. O filme de Glauber Rocha joga luz sobre a crise enfrentada pela esquerda no período pós golpe militar, retratando sua estupefação diante da própria fragilidade. O documentário de Petra Costa, por sua vez, conta

com imagens exclusivas do impeachment de 2016; do julgamento de Lula; das eleições de 2018 e narra o arranjo político de sua época.

O autor analisa essas produções audiovisuais com objetivo de investigar as imagens da derrota política projetadas por elas, compreendendo a reação da esquerda nessas conjunturas históricas. A análise fílmica é composta por essas obras, pois ambas parecem se posicionar do “lado derrotado” do embate. Outro ponto destacado é a posição socioeconômica dos diretores, pois essa posição pode entrar em tensão com suas identidades políticas de esquerda.

O sétimo, e último, capítulo tem como escopo o Junho de 2013 – enigma elementar da política brasileira na última década. Essa experiência concentrou uma criticabilidade das instituições, práticas e discursos, germinada pela desconfiança instintiva da população com a classe política. Nesse cenário, o autor busca explicar como a partir de um início conturbado, Junho de 2013 enveredou para um caminho exatamente oposto ao aparentemente embrionado.

Com esse intuito, supera-se obstáculos conceituais para que se possa analisar esses eventos sem eliminar tudo que aconteceu em seu meio. Por esse ângulo, Nunes defende que Junho de 2013 já era Bolsonaro desde o início. Portanto, esse capítulo detalha a singular confluência de fatores que conceberam as condições privilegiadas para a extrema direita se aproveitar dessa onda de descontentamentos – crise econômica; escândalos de corrupção e colapso eleitoral da centro-direita.

De modo geral, Rodrigo Nunes realiza uma robusta investigação que pormenoriza a brutalidade nos âmbitos políticos, sociais, econômicos, afetivos e comunicacionais atravessada em nosso tempo presente. Sua pesquisa foge dos padrões de análises conjunturais e parte de uma perspectiva multifacetada do fenômeno social estudado, mas sua maior virtude é situar as responsabilidades da esquerda nesse emaranhado. Desse modo, o horizonte para esse espectro deve estar comprometido com o aprofundamento da democracia, tendo em vista alguns pontos como: ação afora das instituições de governo; compreensão da centralidade da questão ambiental; tensionamento em prol das agendas populares e rompimento com a limitação do “possível”, pois esta noção está em disputa. A esquerda não pode avistar apenas o estado presente e deve exercitar vislumbres criativos para que possa sair do transe e encarar a vertigem dos problemas reais.

Notas

^I Graduado em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social (UFRJ) e Mestrando em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ).

^{II} (2018 *apud* NUNES, 2022).

^{III} (NUNES, 2022, p. 25-26).

^{IV} (FISHER, 2020).

^V (NUNES, 2022, p. 108).

Referências

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Autonomia Literária, São Paulo, 2020.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição.** São Paulo, Ubu Editora, 2022.